

BATISMO
E PLENITUDE DO Espírito
santo

O MOVER
SOBRENATURAL
DE DEUS

john stott

sumário

<i>Prefácio à segunda edição em inglês</i>	7
<i>Prefácio à segunda edição em português</i>	13
<i>Introdução</i>	15
1	
A promessa do Espírito	21
2	
A plenitude do Espírito	49
3	
O fruto do Espírito	79
4	
Os dons do Espírito	91
<i>Conclusão</i>	123
<i>Sobre o autor</i>	125

prefácio à edição em inglês

Faz agora onze anos desde que o pastor Peter Johnston convidou-me para falar à Conferência de Islington sobre a obra do Espírito Santo. Minha palestra foi depois ampliada e publicada sob o título *Batismo e plenitude do Espírito Santo*.

Desde então, continuou se espalhando o movimento que por alguns é chamado de “renovado”, mas pela maioria de “carismático”. Agora ele é um fenômeno de alcance mundial, e tem como líderes pessoas muito respeitadas. Não é possível analisar o cenário eclesiástico contemporâneo sem levá-lo em conta.

Não pode haver dúvidas de que Deus usou este movimento para trazer bênçãos a um grande número de pessoas. Muitos cristãos dão testemunho de terem experimentado um novo sentimento de amor e liberdade, uma libertação das amarras da inibição, uma alegria transbordante e paz na fé, um sentimento mais acentuado de que Deus é real, uma comunhão cristã

mais calorosa do que haviam conhecido antes e um zelo renovado na evangelização. Este movimento é um desafio saudável para todos os cristãos que levam uma vida cristã medíocre e para todas as igrejas que têm uma vida enfadonha.

Ao mesmo tempo foram feitas avaliações cuidadosas, de diversos pontos de vista. Muitas vezes os líderes carismáticos são os primeiros a admitir que têm havido algumas causas de inquietação, e que a tarefa do debate teológico sério apenas começou. Uma das dificuldades para uma discussão contínua é que o movimento carismático não é uma igreja ou uma associação organizada, com fórmulas doutrinárias oficiais. As igrejas pentecostais, que surgiram a partir do começo do século passado, têm confissões de fé publicadas, às quais seus pastores precisam se ater. No entanto, o movimento carismático ainda é bastante independente e seus líderes e membros não estão sempre totalmente de acordo entre si em questões teológicas. Parece que alguns adotam uma posição totalmente “pentecostal”, muito semelhante à das igrejas pentecostais. Outros dizem ter tido o que eles gostam de chamar de experiência “pentecostal”, que, no entanto, não formulam em termos da “teologia pentecostal” clássica. Outros, ainda, estão passando por um estado de mudança em sua própria maneira de ver as coisas, procurando a forma mais adequada de expressar teologicamente suas experiências.

Tamanha flexibilidade é muito bem-vinda, em parte porque ela é um sinal de abertura, e em parte porque deve impedir que alguém polarize a situação entre “carismáticos” e “não-carismáticos”, já que parece que um número cada vez maior de pessoas tem um pé em cada um dos lados. Porém, mesmo bem-vinda, esta fluidez também toma a tarefa da avaliação mais difícil, pois nem sempre está claro a quem ou sobre quem estamos falando. Desde já quero desculpar-me se algum cristão que se intitula “carismático”, ao ler estas páginas, não se reconhece no que escrevi! Só posso garantir que tentei ser objetivo e honesto, coletei informações de pessoas e da literatura atual, e de forma alguma quis ridicularizar alguém.

Agora, deixe-me explicar o motivo pelo qual reescrevi o livreto anteriormente publicado, e as razões de uma segunda edição.

Em primeiro lugar, ao reler o que escrevi há onze anos, algumas partes pareceram-me obscuras e outras pouco fundamentadas. Além disso, o todo deu a impressão de estar incompleto. Portanto, tentei esclarecer o que estava obscuro e reforçar aquelas partes que necessitavam de mais fundamento. Especificamente, dividi o material original em dois capítulos, agora intitulados “A promessa do Espírito” e “A plenitude do Espírito”. Expandi o material destes capítulos, dando ênfase em convicções comuns e indicando em quais áreas as diferenças permanecem. Depois, acrescentei mais dois capítulos intitulados “O fruto do Espírito” e “Os dons do Espírito”.

A segunda razão é mais pessoal. Durante os últimos anos, recebi regularmente cartas de pessoas que dizem ter ouvido que mudei de ponto de vista, depois que escrevi *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. Não é verdade. A edição revista me dá a oportunidade de corrigir este falso rumor.

Em terceiro lugar, seja qual for nossa posição em relação a este assunto, precisamos permanecer em comunhão frutífera e em diálogo com os outros. Ninguém acha isto fácil. É preciso ter maturidade considerável para estabelecer e manter um relacionamento pessoal e cordial com pessoas que não vêem as coisas da mesma forma que nós. Em uma conferência recente, achei oportuno confessar minha imaturidade, tanto por ter sido negativo demais em relação ao movimento carismático, quanto por ter relutado em ir até seus líderes e dialogar com eles. Em seguida, mencionei três áreas que me pareciam ser uma base de comum acordo para continuar o diálogo. Pode ser proveitoso o fato de registrá-las aqui.

A primeira é a *objetividade da verdade*. Vivemos em tempos muito subjetivos, em que o existencialismo faz uma distinção radical entre vida “autêntica” e “inautêntica”, usando critérios completamente subjetivos para determinar o que é “autêntico”, ou seja, o que a mim parece autêntico neste momento. Porém, cristãos, especialmente cristãos

evangélicos, estão convictos de que Deus falou histórica e objetivamente, que sua palavra culminou em Cristo e no testemunho apostólico a respeito dele, e que a Escritura é exatamente a palavra de Deus escrita para nosso aprendizado. Portanto, todas as nossas tradições, todas as nossas opiniões e todas as nossas experiências precisam ser submetidas ao exame independente e objetivo da verdade bíblica.

A segunda é a *centralidade de Cristo*. Todos concordamos também nisto, pelo menos em teoria. Nossos olhos foram abertos para ver a verdade como ela é em Jesus, e nossos lábios para confessar que ele é o Senhor. Não temos dificuldades para endossar as grandes afirmações do apóstolo Paulo em sua carta aos colossenses, de que Jesus Cristo é o cabeça do universo e da igreja; de que o propósito de Deus é que ele possa “em todas as coisas ter a primazia” (1.18); de que “nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade” (2.9); e de que nele recebemos “a vida completa” (2.10, BLH).

Entretanto, não é suficiente concordar somente com os lábios com estas afirmações sobre a supremacia e suficiência de Cristo. Precisamos ir adiante e estabelecer as implicações disto. Alguns cristãos dão impressão de basear-se numa doutrina de “Jesus”, tal como: “Você veio a Jesus, o que é muito bom; porém, agora, você precisa de algo mais para completar este passo”. Outros dão tanta ênfase à suficiência de Cristo que parecem ter um conceito estático da vida cristã, que não dá espaço nem para um crescimento em maturidade, nem para experiências mais profundas e completas com Cristo.

A terceira área em que devemos concordar é a *diversidade da vida*. Isto é, o Deus vivo da natureza e da Escritura é um Deus de diversidade rica colorida. Ele fez diferente cada ser humano, cada folha de grama, cada floco de neve. Por esta razão, confesso que, quanto mais eu vivo, mais hostil me torno a qualquer estereótipo. Todavia, parece que alguns de nós estão ansiosos em forçar todos a dançarem conforme a sua música, e em enquadrar os outros em seus padrões. Será que está atitude não é sempre reprovável? Minha convicção, que tentarei expor nas próximas páginas deste livro, é de que há uma

variedade grande de experiências espirituais e uma variedade também grande de dons espirituais. Se renunciarmos ao desejo de aprisionar os outros em camisas-de-força, encontraremos uma nova liberdade e uma nova comunhão no Deus da diversidade abundante.

Finalizando, quero deixar bem claro que meu propósito com este livro não é criar polêmica, porque sou um homem de paz, e não de guerra. Se às vezes fui negativo, isto ocorreu somente para esclarecer a verdade positiva correspondente. Também levantei algumas perguntas que, segundo me parecem, precisam ser feitas e respondidas. Mas não tenho a intenção de ferir ou confundir ninguém. Minha preocupação é tentar expor certas passagens importantes da Bíblia. E meu objetivo nisto é que todos possam compreender melhor a grandiosidade da nossa herança em Cristo, para que nos apossemos dela de maneira mais completa, bem como a extensão da nossa responsabilidade em manifestar todo o fruto do Espírito em nossa vida, e em pôr em prática os dons do Espírito que ele, em sua soberania graciosa, nos concedeu.

Abril de 1975

J.R.W.S.

prefácio à edição em português

Edições Vida Nova tem um grande prazer em novamente oferecer este importante estudo, de John Stott, sobre a controvertida doutrina do Espírito Santo.

A primeira edição do livro, *Batismo e plenitude do Espírito Santo*, foi lançada por EVN em 1966. Agora, ampliada e recomposta, esta obra traz uma apresentação e conteúdo condizentes com a fama do autor e o bom nome de Edições Vida Nova. Mas, sua principal atração prende-se à centralidade do Novo Testamento na discussão do assunto como um todo.

Embora não possamos esperar que todos os leitores concordem com a posição do pastor Stott, não seria justo alguém considerar-se “campeão” na compreensão desta doutrina divergente, antes de mastigar e digerir este desprezioso livro. John Stott conhece bem a Bíblia, o grego, a literatura sobre a doutrina do Espírito Santo e as implicações das conclusões extraídas sobre o

“batismo” e “plenitude” da Terceira Pessoa da Trindade. Moderado, ponderado e com reconhecida autoridade, John Stott inspira confiança nas posições adotadas.

Esperamos que a leitura de *Batismo e plenitude do Espírito Santo* proporcione valiosos conhecimentos e lance uma clara luz sobre o caminho cristão. Esta é a nossa oração.

RUSSELL P. SHEDD

Introdução

Para onde quer que olhemos na igreja hoje em dia, há uma carência evidente de uma obra mais profunda do Espírito Santo.

No Ocidente, o antigo conceito de “cristandade”, que existiu durante séculos, parece estar morrendo rapidamente, à medida que mais e mais pessoas repudiam a fé de seus pais. Na década de sessenta, na tentativa de reinterpretar o evangelho para a era moderna, os teólogos seculares negaram abertamente os elementos fundamentais do cristianismo histórico. E, tendo perdido a fé cristã em grande escala, o mundo ocidental também perdeu a ética cristã. Agora a sociedade é abertamente pluralista e permissiva. A igreja sobrevive como instituição, mas muitas pessoas a têm como uma relíquia do passado, uma estrutura fora de moda, como as superstições a que ela se atém. Ao mesmo tempo há alguns sinais de uma renovação espiritual – focos de novo vigor em denominações mais antigas,

no movimento das igrejas nos lares e em organizações para-eclesiásticas. Porém, permanece o quadro geral de uma influência cristã decrescendo de modo constante, em uma sociedade cada vez mais secular. Os ossos mortos e secos da igreja carecem do sopro vivificante de Deus.

É verdade que em algumas partes do mundo a igreja está crescendo com rapidez. No Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausanne, em julho de 1974, ouvimos falar de “uma receptividade ao Senhor Jesus Cristo sem precedentes”. Multidões estão se abrigoando na igreja, e, em algumas áreas, a taxa de natalidade de cristãos é maior que a do restante da população. Tudo isto nos dá motivos de grande alegria. Ao mesmo tempo, estes movimentos populares, às vezes, são ofuscados por rivalidades e divisões, como nos dias da igreja primitiva, por ensinamentos falsos e emocionalismo superficial. Portanto, também nisto vemos a necessidade de uma obra mais profunda do Espírito Santo, já que ele é o autor de unidade, verdade e maturidade.

Entretanto, não vemos a carência do Espírito Santo somente nas igrejas mais antigas do mundo ocidental e nas igrejas mais novas do terceiro mundo. Podemos vê-la também olhando para nós mesmos. Certamente, todos nós que dizemos pertencer ao Senhor Jesus, seja qual for nossa convicção particular, às vezes nos sentimos oprimidos por nossos fracassos pessoais na vida e ministério cristãos. Somos conscientes de que estamos longe do padrão de Cristo, da experiência dos primeiros cristãos e das promessas claras que Deus faz em sua palavra. Sem dúvida, somos gratos a Deus pelo que ele fez e tem feito, e não queremos denegrir a sua graça. Mas temos fome e sede de algo mais. Também ansiamos por um reavivamento verdadeiro, uma visitação sobrenatural e abrangente do Espírito Santo na igreja, trazendo profundidade e crescimento; e, ao mesmo tempo, anelamos por uma experiência mais profunda, mais rica e mais completa de Cristo em nossas próprias vidas, através do Espírito Santo.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ABORDAGEM

Antes de começar o estudo, deixe-me explicar quatro coisas.

A primeira é que nosso anseio e obrigação, como cristãos, deve ser o de encaixar-se no propósito pleno de Deus. Ele não ficará satisfeito com nada menos do que isto; também não devemos nos satisfazer com algo que esteja aquém disto. Todos que dizemos seguir a Cristo devemos buscar uma compreensão mais clara do propósito de Deus com seu povo, ser levados ao arrependimento por não conseguirmos cumpri-lo, e continuar a nos esforçar com avidez, desejosos de tomar posse com firmeza de tudo o que Jesus obteve para nós (v. Fp 3.12-14).

Em segundo lugar, devemos descobrir este propósito de Deus na Bíblia. A vontade de Deus para as pessoas está na sua palavra. Nela devemos tomar conhecimento da vontade divina, e não preferencialmente da experiência particular de indivíduos ou grupos, por mais reais e válidas que estas experiências possam ser. Não devemos cobiçar o que Deus pode ter dado a outros, nem impor a outros o que Deus pode ter dado a nós, a não ser que esteja revelado claramente na sua palavra que isto é parte da herança prometida a todo o seu povo. O que buscamos para nós mesmos e o que ensinamos a outros deve ser orientado somente pela Escritura. Somente quando a palavra de Deus habitar ricamente em nós, seremos capazes de avaliar as experiências que tanto nós quanto outros podemos ter. A experiência nunca deve ser o critério da verdade; a verdade deve sempre ser o critério da experiência.

Em terceiro lugar, esta revelação do propósito de Deus na Bíblia deve ser buscada preferencialmente nas suas passagens *didáticas*, e não nas *descritivas*. Para ser mais preciso, devemos procurá-la nos ensinamentos de Jesus e nos sermões e escritos dos apóstolos, e não nas seções puramente narrativas de Atos. O que a Escritura descreve como acontecido a outros não precisa necessariamente acontecer conosco; porém do que nos é prometido devemos nos apropriar, e o que nos é ordenado devemos obedecer.

É fácil ter uma má compreensão do que estou tentando dizer. Não estou dizendo que as passagens descritivas da Bíblia não têm valor, porque “toda Escritura é inspirada por Deus e útil” (2Tm 3.16). Digo, porém, que o que é descritivo tem valor somente até o ponto em que é interpretado pelo que é didático. Algumas narrativas bíblicas que descrevem acontecimentos interpretam a si mesmas, porque incluem um comentário explicativo, enquanto outras não podem ser interpretadas isoladamente, mas somente à luz do ensino doutrinário ou ético dado em outras passagens.

Por isso Paulo nos diz que as coisas pelas quais Israel passou no deserto “lhes sobrevieram como exemplos” e “foram escritas para advertência nossa” (1Co 10.11; v. Rm 15.4). Ele está se referindo a diversos episódios em que o julgamento de Deus recaiu sobre eles. Aqui temos, portanto, passagens narrativas que são úteis para o ensino. Porém seu valor não está na mera descrição, mas na explicação. Devemos evitar a idolatria, a imoralidade, a presunção e a murmuração, diz Paulo, porque estas coisas são gravemente ofensivas a Deus. Como sabemos isto? Porque o julgamento de Deus lhes sobreveio, como Moisés deixa bem claro nas histórias, e como ele e os profetas ensinam em outras passagens. Entretanto, não podemos deduzir das histórias que, se pecarmos, assim como o povo de Deus no deserto, morreremos por pragas ou picadas de cobras, como aconteceu com eles. De maneira semelhante podemos aprender da história de Ananias e Safira em Atos 5, que mentir desagrada muito a Deus, porque Pedro o diz; mas não podemos concluir que todos os mentirosos cairão mortos ao chão como eles.

Há ainda outro exemplo: em dois parágrafos de Atos, em que Lucas nos diz que os primeiros cristãos em Jerusalém venderam muitos dos seus bens, tinham o restante em comum, e distribuíam bens e dinheiro “à medida que alguém tinha necessidade” (2.44-45; 4.32-37). Diante desses textos, devemos deduzir que eles estabeleceram um padrão que todos os cristãos devem imitar, de maneira que a propriedade privada é proibida aos cristãos? Alguns grupos têm pensado

assim. Certamente a generosidade e o cuidado mútuo destes primeiros cristãos devem ser imitados, pois o Novo Testamento nos ordena muitas vezes que amemos e sirvamos uns aos outros, e que sejamos generosos (até sacrificiais) em nossas contribuições. Porém, o argumento baseado na prática da primeira igreja de Jerusalém, de que toda propriedade particular fica abolida entre os cristãos, não somente não pode ser mantido pelo texto, como até é contrariado claramente pelo apóstolo Pedro no mesmo contexto (At 5.4) e pelo apóstolo Paulo em outras passagens (p. ex. 1Tm 6.17). Este exemplo deve nos deixar atentos. Portanto, devemos derivar nossos padrões de fé e comportamento do ensino do Novo Testamento, sempre que ele for dado, e não das práticas e experiências que descreve.

Em quarto lugar, nossa motivação, ao buscarmos aprender o propósito de Deus do ensino da Escritura, é prática e pessoal e não acadêmica e polêmica. Somos irmãos e irmãs na família de Deus. Amamo-nos mutuamente e estamos preocupados em conhecer a vontade de Deus, a fim de que a abracemos e a recomendemos a outros. Não temos desejo de aplicar golpes baixos uns nos outros em um debate teológico.

Depois destas quatro simples afirmações introdutórias sobre a nossa abordagem, estamos prontos para estudar pela ordem, a partir da Escritura e em relação ao debate contemporâneo, o que significa a promessa do Espírito (e se é a mesma coisa que o “batismo” do Espírito), a plenitude do Espírito, o fruto do Espírito e os dons do Espírito.

John Stott nos apresenta, nesta edição ampliada, o verdadeiro significado do batismo e da plenitude do Espírito Santo.

Com seu estilo claro e lógico, ele examina cuidadosamente a promessa do Espírito Santo, o “batismo”, a plenitude, o fruto e os dons do Espírito. A promessa do Espírito é o mesmo que o “batismo” no Espírito? Dúvidas como essa são esclarecidas por Stott, sempre com base nas Escrituras Sagradas. Ele lembra que nossas doutrinas e obras precisam basear-se muito mais nas passagens didáticas do Novo Testamento do que nas práticas e experiências que ele relata.

O resultado deste estudo é um quadro equilibrado da natureza e obra do Espírito Santo. O leitor, qualquer que seja sua tradição evangélica, não se sentirá ameaçado em suas convicções, pois Stott escreve com o propósito de trazer unidade à família de Deus, de nos ajudar a conhecer a vontade do Pai, para que possamos segui-la e também recomendá-la a outros.